

*R*

*O*

*M*

*A*

*N*

*C*

*E*



*EDITH WHARTON*

*SONO CREPUSCULAR*

*TRADUZIDO DO INGLÊS POR*

*JOSÉ VIEIRA DE LIMA*

ASA

1

Título original:  
**TWILIGHT SLEEP**  
© 1927, Pictorial Review Company

Capa: Panóplia®  
Imagem da capa: H. Armstrong Roberts/ClassicStock/  
Corbis/VMI  
Paginação: GSamagaio  
Impressão e acabamentos: Guide Artes Gráficas, Lda.

1.ª edição: Julho de 2001  
2.ª edição: Setembro de 2010  
Depósito legal n.º 314299/10  
ISBN 978-989-23-1002-2  
Reservados todos os direitos

**Edições ASA II, S.A.**

Uma editora do Grupo Leya  
Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide – Portugal  
Telef.: (+351) 214 272 200  
Fax: (+351) 214 272 201  
edicoes@asa.pt  
www.asa.pt  
www.leya.com

*LIVRO PRIMEIRO*



Miss Bruss, a secretária perfeita, recebeu Nona Manford à porta do quarto da mãe da jovem («o escritório», como lhe chamavam os filhos de Mrs. Manford) com um gesto que, embora significando um claro «não», não poderia ter sido mais afável.

— Sabe, minha querida, a sua mãe desejaria muito vê-la, a sua mãe *deseja* sempre vê-la — argumentou Maisie Bruss, com uma voz que parecia ter sido afiada e esganiçada pelo uso constante do telefone. Miss Bruss, que entrara ao serviço de Mrs. Manford pouco depois do segundo casamento desta, conhecia Nona desde criança, e tinha o privilégio, mesmo agora que a criança era já uma menina de sociedade, de a tratar com uma certa familiaridade benevolente, e a benevolência era, no seio da família Manford, a nota dominante.

— Repare bem na lista de actividades da sua mãe, e isto é só para hoje de manhã! — prosseguiu a secretária, exibindo uma volumosa agenda encadernada a marroquim, em que escrevera, na sua descolorida caligrafia secretarial: «7h30. Fortalecimento mental. 7h45. Pequeno-almoço. 8h. Psicanálise. 8h15. Falar com cozinheiro. 8h30. Meditação silenciosa. 8h45. Massagem facial. 9h. Homem com miniaturas persas. 9h15. Correspondência. 9h30. Manicura. 9h45. Exercícios eurítmicos. 10h. Ondular cabelo. 10h15. Posar para busto. 10h30. Receber delegação do Dia das Mães. 11h. Lição de dança. 11h30. Comissão para o Controlo da Natalidade em casa de Mrs...»

— A manicura está lá dentro agora; chegou atrasada, como de

costume. É isto que martiriza a sua mãe; ninguém respeita a pontualidade. Esta vida nova-iorquina está a dar cabo dela.

— Eu sou sempre pontual — disse Nona Manford, encostando-se ao vão da porta.

— Sem dúvida; e é um milagre, devo dizer-lhe! Ah, vocês, raparigas, são capazes de passar a noite toda a dançar... A menina, e a menina Lita, o que se divertem as duas! — Miss Bruss estava a ficar quase maternal. — Mas passe só os olhos por esta lista. Como pode ver, a sua mãe não *esperava* vê-la antes de almoço; pois não, minha querida?

Nona abanou a cabeça. — Não; mas talvez a Miss Bruss consiga encontrar um intervalozinho onde eu caiba.

Nona disse isto num tom amistoso, razoável; ambas as partes estavam a analisar o caso com um evidente desejo de imparcialidade e boa vontade. Nona estava habituada aos compromissos da mãe; habituada a caber em intervalos entre homens que curavam pela fé, negociantes de arte, funcionárias dos serviços sociais e manicuras. Quando estava realmente disponível para os filhos, Mrs. Manford era impecável com eles; porém, com aquela esgotante vida nova-iorquina e os seus deveres e responsabilidades que não cessavam de se multiplicar, se autorizasse a família a entrar a qualquer hora e a devorar o seu tempo, o sistema nervoso da mãe de Nona simplesmente não teria resistido — e quantas obrigações teriam ficado por cumprir!

O lema de Mrs. Manford sempre fora: «Há sempre tempo para todas as coisas.» Momentos havia, porém, em que esta visão optimista a abandonava, de tal forma que chegava mesmo a descrever da sua divisa. Naquela manhã, por exemplo, como Miss Bruss não deixou de acentuar, tivera de dizer ao novo escultor francês — aquele que, há um mês, vinha fazendo furor em Nova Iorque — que não poderia posar para ele mais do que quinze minutos, pois a reunião da comissão para o Controlo da Natalidade estava marcada para as 11h30, em casa de Mrs...

Nona raramente assistia a estas reuniões, visto que o seu próprio tempo — mais pela força do hábito do que por obra de uma verdadeira inclinação — estava muitíssimo preenchido com exercícios, ginástica, e a incessante corrida de emoção em emoção que se presumia ser o feliz privilégio da juventude. Contudo, espreitara

já a cena o suficiente: e em particular a audiência, constituída por mulheres idosas e muito animadas, com o cabelo cor de neve, movimentos eurítmicos e rostos cheios de finas rugas e excessivamente massajados, nos quais um sorriso de cristalina benevolência se encaixava como os seus *pince-nez* sem aros. Eram, todas elas, inexoravelmente sérias, indiscriminadamente amáveis e incomensuravelmente puras; e apareciam sempre demasiado bem vestidas, com a única exceção daquela que, em cada reunião, ocupava um lugar proeminente, e que, por norma, primava por um certo desleixo no vestir e tinha óculos de aros de metal e o penteado ligeiramente desgredado. Fosse qual fosse o problema abordado, as senhoras em causa pareciam ser sempre as mesmas, e defendiam sempre com idêntico zelo o Controlo da Natalidade e a maternidade sem limitações, o amor livre ou o regresso às tradições do lar americano; e nem elas nem Mrs. Manford pareciam dar-se conta de que havia óbvias contradições entre estas doutrinas. Tudo o que sabiam era que estavam decididas a forçar determinadas pessoas a fazer coisas que essas pessoas prefeririam não fazer. Enquanto passeava os olhos pela compacta lista, Nona lembrou-se de um comentário do primeiro marido da mãe, Arthur Wyant: «A tua mãe e as amigas dela gostariam de pegar no globo terrestre e ensiná-lo a dizer as orações e a lavar os dentes.»

Nona rira-se da graça, o que não era novidade, pois nunca conseguia resistir às graças de Wyant; na realidade, porém, admirava o fervor da mãe, ainda que por vezes se perguntasse se não haveria algo de caótico nesse entusiasmo. Nona era filha única do segundo casamento de Mrs. Manford; o pai, Dexter Manford, fora obrigado a lutar para vencer na vida, não admirando, por isso, que a tivesse ensinado a venerar a actividade como uma virtude em si mesma; quando falava do entusiasmo de Pauline, o seu tom divergia, e muito, do de Wyant. Fora educado na crença de que havia uma virtude no trabalho enquanto tal, mesmo que esse trabalho servisse para tão pouco como o frenesi do esquilo rodopiando numa roda. «Talvez a tua mãe tente abarcar demasiados assuntos, mas deixa-me dizer-te que a atitude dela é admirável — para dizer a verdade, ela não se poupa nunca a esforços.»

«E também não nos poupa a nós!», sentia-se ela, por vezes, tentada a acrescentar; porém, a admiração de Manford era contagiosa.

Sim; Nona admirava sinceramente a energia altruísta da mãe; mas sabia também, sem margem para dúvidas, que tanto ela como a esposa do irmão, Lita, nunca seguiriam um tal exemplo — e ela não mais do que Lita. Pertenciam a uma outra geração: à perplexa e desencantada juventude que crescera após a Grande Guerra, e cujas energias eram mais espasmódicas e menos claramente dirigidas, e que, acima de tudo, perseguia uma forma mais pessoal de satisfação dos seus impulsos. «Estou-me marimbando para os terremotos na Bolívia!», segredara-lhe certa vez Lita quando Mrs. Manford convocara as mesmas senhoras idosas e muito animadas para debaterem um desastre sísmico que ocorrera no outro lado do mundo; essas senhoras sentiam de algum modo que a repetição de tais fenómenos poderia ser evitada caso enviassem imediatamente uma comissão ao local do sinistro, a fim de ensinar os bolivianos a fazer algo que eles não queriam fazer — a não *acreditar* em terremotos, por exemplo.

Não sentiam seguramente os jovens nada que se assemelhasse a esse desejo de devolver a ordem às casas dos outros. Porque não haveriam os bolivianos de ter terremotos, se tinham escolhido viver precisamente na Bolívia? E porque haveria a nova-iorquina Pauline Manford de perder o sono por causa do que sucedera na Bolívia, vendo-se obrigada a aprender uma nova série de exercícios do Mahatma para afugentar as rugas resultantes de uma noite perdida? «Creio que adoptamos este tipo de atitude por uma única razão: somos demasiado preguiçosos para nos preocuparmos com os outros», reflectiu Nona, com a incorrigível honestidade que a caracterizava.

Afastou-se de Miss Bruss com um ligeiro encolher de ombros. — Enfim... — murmurou.

— Sabe, meu anjo — tratou Miss Bruss de explicar —, as coisas ficam sempre piores à medida que a *season* vai avançando; e os últimos quinze dias de Fevereiro são os piores de todos, especialmente quando a Páscoa calha tão cedo como este ano. Nunca *fui capaz* de entender por que razão escolhem datas tão inadequadas para a Páscoa: quem sabe, talvez sejam aquelas pessoas dos hotéis da Flórida que decidem quando deve ser a Páscoa... Veja lá, a sua pobre mãe nem sequer teve tempo para estar com o seu pai antes de ele ir para o escritório, ainda que ela pense que é *absolutamente errado* deixá-lo partir dessa maneira, sem encontrar tempo para ter com ele uma

conversa agradável, tranquila... enfim, não mais que uma palavra para lhe dar ânimo, para lhe proporcionar a boa disposição de que tanto precisa para mais um dia de trabalho... Ah, a propósito, minha querida... por acaso não o ouviu dizer se janta em casa esta noite? É que... sabe, o seu pai esquece-se *sempre* de deixar uma indicação que seja acerca dos seus planos, e, se não disse nada, vou ter de telefonar para o escritório, para lhe recordar que esta noite vai dar um jantar em honra da Marchesa<sup>1</sup>...

— Bom, não me parece que o pai jante em casa — disse a rapariga num tom indiferente.

— Não... não... não? Oh, santo Deus! — cacarejou Miss Bruss, disparando pelo quarto fora a caminho do telefone, que estava na sua secretária privada.

A lista de compromissos escorregara das suas mãos; Nona Manford tratou de apanhá-la e, uma vez mais, deu uma olhadela. Leu: «16h00. Visitar A. 16h30. Musical: Torfried Lobb.»

«16h00. Visitar A.» Nona estava praticamente certa de que aquele era o dia da semana em que Mrs. Manford costumava visitar o ex-marido, Arthur Wyant, a obliterada e misteriosa criatura que, nas suas listas, era sempre designada por «A», de tal forma que os filhos tinham passado a chamar-lhe «Prova A». Era verdadeiramente aborrecido, pois Nona tinha pensado visitá-lo mais ou menos à mesma hora e costumava distribuir as suas visitas de molde a não coincidirem com as de Mrs. Manford, não porque esta reprovasse a sua amizade com Arthur Wyant (considerava, aliás, que era algo de «belo» que a filha lhe dedicasse tão grande afeição), mas porque Wyant e Nona haviam acordado que, em tais ocasiões, a presença da antiga Mrs. Wyant era um obstáculo ao seu mútuo divertimento. Este era, no entanto, um problema insolúvel. Os planos de Mrs. Manford eram imutáveis. Nem mesmo a doença ou a morte poderiam sequer perturbá-los. Tentar deitar abaixo uma das Pirâmides com uma sombrinha teria o mesmo efeito que tentar desalinhar a cerrada construção em mosaico que era a lista de compromissos de Mrs. Manford. Mrs. Manford, por si mesma, nunca o teria feito; nem mesmo que se armasse da maior boa vontade que houvesse no

---

<sup>1</sup> Em italiano no original: «Marquesa». (*N. do T.*)

mundo; e a boa vontade de Mrs. Manford, como sabiam os filhos e todos os que viviam sob o seu tecto, não tinha igual em todo o mundo.

Nona Manford afastou-se com um último encolher de ombros. Quisera falar com a mãe acerca de algo particularmente importante; algo que — na noite anterior — captara num relance assustado ao sondar a incipiente e bizarra mente da sua cunhada Lita, a esposa do seu meio-irmão Jim Wyant — a mesma Lita com quem, como Miss Bruss observara, ela, Nona, passava as noites a dançar. Não havia em todo o mundo pessoa que lhe fosse mais querida do que esse mesmo Jim, mais velho do que ela seis ou sete anos, e que fora irmão, camarada, protector, quase um pai para ela — visto que o seu próprio pai, Dexter Manford, que era tão inteligente, capaz e afável, estava quase sempre demasiado ocupado no escritório, ou então, quando estava em casa, era requisitado por Mrs. Manford com tão extrema firmeza que mal tinha tempo para a filha.

Jim, que Deus o abençoasse, tinha sempre tempo; era nisso, sem dúvida, que a mãe estava a pensar quando lhe chamava preguiçoso — tão preguiçoso como o pai, acrescentara ela certa vez, num dos seus raros acessos de impaciência. Não havia nada que acirrasse tanto a impaciência de Mrs. Manford como a ideia de que havia alguém que, tendo uma ínfima fracção de tempo livre, não planeasse imediatamente uma maneira de o ocupar. Se ao menos pudessem dar-lhe a *ela* essa ínfima fracção de tempo! E Jim, que a amava e admirava (tal como toda a família), fazia sempre o mais consciencioso dos esforços para preencher os seus dias, ou então escondia da mãe a sua ocasional vacuidade. Porém, Jim tinha um feitio que era avesso a pressas, e com isso muito lucrara a pequena Nona, que podia contar sempre com ele para a acompanhar num passeio a pé ou de automóvel, para uma escapada a um concerto ou a uma «fita», ou, ainda mais agradável, muito simplesmente para *estar lá*, ao lado dela — preguiçando na imensa e desocupada biblioteca de Cedarledge, a casa que a família tinha no campo, ou no estúdio, sempre tão desarrumado, que ele tinha no terceiro andar da casa da cidade, e sempre disponível para responder às suas perguntas, para ajudá-la a procurar as palavras difíceis nos dicionários, a consertar os seus tacos de golfe ou a arrancar um espinho da pata do seu *Sealyham Terrier*. Jim era maravilhoso com as mãos: era capaz de reparar relógios, de pôr a funcionar

brinquedos mecânicos, de construir fascinantes modelos de casas ou jardins, de aplicar um torniquete, de fazer ovos mexidos, de imitar as visitas da mãe — de preferência as «mais sérias», aquelas que peroravam sobre «causas» ou «mensagens» nas suas salas de estar saturadas de dourados — e de desenhar deliciosos mapas coloridos de continentes imaginários, acerca dos quais Nona escrevia histórias intermináveis. E de todos estes dons, infelizmente, não fizera Jim, por ora, nenhum uso particular — a não ser o de encantar a sua pequena meia-irmã.

Exactamente o mesmo sucedera — como Nona muito bem sabia — com o pai de Jim: o pobre «Prova A», tão inútil que era! Dizia Mrs. Manford que a culpa era do «velho sangue nova-iorquino» que lhes corria nas veias — a mãe de Nona falava deles com uma mescla de desprezo e orgulho, como se eles fossem os últimos dos Capetos, exauridos por mil anos de reinado. Quanto aos glóbulos vermelhos de Mrs. Manford, haviam sido tingidos por um pigmento mais plebeu. Os seus antepassados tinham-se dedicado à exploração mineira na Pensilvânia e produzido bicicletas em Exploit, e davam agora o seu nome a um dos mais populares automóveis dos Estados Unidos. Não que faltassem outros ingredientes na sua constituição hereditária: constava, com efeito, que a mãe havia contribuído para engrossar as hostes da nobreza sulista, pelo facto de ser uma Pascal de Tallahassee. Mrs. Manford, quando a sua disposição a isso a inclinava, falava dos «Pascal de Tallahassee» como se fossem eles os responsáveis pelas facetas mais nobres do seu carácter; porém, quando exortava Jim à acção, era o sangue do pai que invocava. «No fim de contas, e apesar da tradição dos Pascal, não é vergonha nenhuma uma pessoa dedicar-se aos negócios. O pai do meu pai veio da Escócia com duas moedas de seis *pence* no bolso...», e, com desculpável orgulho, Mrs. Manford relanceava os olhos pelo glorioso Gainsborough que se erguia acima da lareira da sala de jantar (e que ela, por vezes, quase confundia com o retrato de um antepassado), e pela sua saudável e encantadora família, sentada a uma mesa pejada de pratas georgianas e de orquídeas vindas das suas próprias estufas.

Chegada à porta, Nona virou-se para Miss Bruss: — Por favor, Miss Bruss, diga à minha mãe que, provavelmente, vou almoçar com Jim e Lita... Mas Miss Bruss estava a dizer, com toda a veemência, a um interlocutor invisível: — Oh, Mr. Rigley, mas o senhor tem de

fazer com que Mr. Manford compreenda que Mrs. Manford está a contar com ele para o jantar desta noite... Sabe, é que é o jantar dançante em honra da Marchesa...

\*

Quando o meio-irmão se casara, Nona Manford tivera pela primeira vez um verdadeiro desgosto. Não que reprovasse a sua escolha: alguém poderia levar a engraçada e irresponsável Lita Cliffe suficientemente a sério, a ponto de reprová-la? Ao fim de pouco tempo, já as cunhadas eram as melhores amigas; se Nona tinha alguma falta a apontar a Lita, seria sem dúvida o facto de ela não adorar o incomparável Jim com a cegueira da irmã. Mas também era verdade que Lita era uma criatura feita para ser adorada e não para adorar; isso era evidente na plácida expressão de uns longos e estreitos olhos cor de avelã, na fixidez hierática de um sorriso encantador, na própria configuração das mãos, tão esbeltas apesar de marcadas, mãos que nunca haviam crescido e que lhe pendiam dos pulsos como que languidamente à espera de um beijo, ou que pousavam como conchas raras, ou como pétalas de magnólia, recurvadas para cima, sobre as almofadas com que, luxuriosamente, rodeava o seu indolente corpo.

Os Wyant estavam casados ia para dois anos; o bebé tinha seis meses; Jim e Lita começavam a ser vistos como um dos «velhos casais» do seu círculo de relações, um dos marcos inamovíveis nas movediças areias matrimoniais de Nova Iorque. O amor de Nona pelo irmão era demasiado desinteressado para que ela não exultasse com isso: acima de tudo, o que Nona queria era que o seu querido Jim fosse feliz, e feliz, estava ela certa de que o irmão era — ou fora, até há pouco. O simples facto de se ter libertado do férreo domínio de Mrs. Manford constituía um alívio maior do que ele próprio provavelmente pensava. Além disso, Jim continuava a ser o primeiro dos adoradores de Lita; continuava encantado com os caprichos infantis da esposa, com a aversão à pontualidade, com a irresponsabilidade, que faziam da vida com Lita uma história cheia de excitantes peripécias, depois da rotina mecânica com que a mãe construía a sua ordem perfeita.

Com tudo isto exultava Nona; por vezes, porém, doía-lhe a solidão que reinava nessa ordem perfeita, agora que Jim, o seu único elemento de perturbação, partira. Jim adivinhara a solidão dela, quanto a isso não tinha qualquer dúvida: fora ele quem encorajara a crescente intimidade entre a esposa e a meia-irmã, para além de tudo ter feito para que Nona sentisse que a sua casa era um outro lar para ela.

Lita sempre mostrara uma disposição afável em relação à cunhada. As duas, apesar de tão profundamente diferentes, eram quase da mesma idade, e tinham a uni-las uma paixão predominante por todo o género de desportos. Lita, apesar das poses enroscadas e lânguidas, era não só uma dançarina infatigável, mas também uma tenista notável, ainda que inconstante, e uma audaz caçadora a cavalo. Entre as horas de indolência, em que se reclinava entre almofadas e espalhava pela casa o aroma ambarino dos seus cigarros, todos os momentos da sua vida estavam ocupados pela dança, pela caça a cavalo ou por jogos variados. Durante os dois ou três meses antes do nascimento do bebé, quando Lita se vira reduzida a uma inactividade parcial, Nona temera seriamente que o perpétuo apetite da cunhada por novas «emoções» a conduzisse a alguma modalidade mais insidiosa de matar o tempo — nomeadamente, o consumo de álcool ou de drogas que se verificava entre as jovens do seu círculo social; Lita, porém, caíra num estado de sorridente paciência animal, como se a misteriosa obra que ia ganhado forma no seu brando e jovem corpo tivesse para ela uma significação sagrada — e isso fosse razão de sobra para se entregar ao mais absoluto repouso e deixar que as coisas seguissem o seu natural rumo. Tudo o que pedia era que lhe evitassem a dor, tanto quanto possível: Lita sofria daquele pavor cego da dor física que era comum à maior parte das jovens do seu círculo. Porém, nos dias que corriam, era tão fácil controlar todos esses problemas! Como seria de esperar, Mrs. Manford (que tomou nas suas mãos o caso, visto que Lita era órfã) conhecia a mais perfeita das clínicas «Twilight Sleep»<sup>2</sup> da região, pelo que tratou

---

<sup>2</sup> «Sono Crepuscular»: esta expressão designa um estado de semiconsciência produzido pela administração de uma combinação injectável de duas drogas alcalóides, a escopolamina (com efeitos amnésicos) e a morfina, usada desde o início do século XX, e até à década de 60, para aliviar as dores do parto. Esta técnica, para além de pôr as parturientes nesse estado de «sono crepuscular», causava uma amnésia que as levava a «esquecer» o parto. Nas primeiras décadas do século, sufragistas e líderes dos direitos das mulheres empenharam-se

imediatamente de instalar Lita na mais luxuosa das *suites*, enchendo os quartos de flores primaveris, fruta de estufa, romances acabados de sair e os últimos números de todos os jornais ilustrados — e Lita vagueou nesse mar quente até ao porto da maternidade tão suave e imperceptivelmente que dir-se-ia que o bonequinho de cera que, de súbito, apareceu no berço à sua cabeceira, viera num dos imensos *bouquets* de rosas de estufa que encontrava todas as manhãs na almofada.

«É claro que nunca deveria haver Dor... Nunca... Unicamente Beleza... Ter um bebé deveria ser uma das coisas mais belas e poéticas do mundo», declarou Mrs. Manford, com aquela voz enérgica e eficiente que fazia com que beleza e poesia parecessem os atributos de um industrialismo avançado e que os bebés se assemelhassem a algo a ser produzido em série, como os automóveis *Ford*. E o júbilo que Jim sentira com o nascimento do filho não tivera limites; e Lita, de facto, não sofrera o menor incómodo.

---

na defesa do *twilight sleep*, que substituíra o clorofórmio (abandonado pela sua toxicidade). Este processo viria a ser combatido por anular completamente a experiência do parto e também por causa dos efeitos secundários (delírio, alucinações, depressão pós-parto). (*N. do T.*)

## II

**A** Marchesa era algo que acontecia em momentos irregulares, mas inevitáveis, na vida de Mrs. Manford.

A maior parte das pessoas teria encarado a Marchesa como um incômodo; algumas, como um inequívoco transtorno; os pessimistas, como um infortúnio. Mrs. Manford, pelo contrário, sentia um orgulho consciente pelo facto de, embora reconhecendo todas as peculiaridades do caso, sempre ter conseguido transformá-lo em algo não apenas vistoso, mas mesmo invejável.

É que, tudo somado, se o nosso marido (ou mesmo um ex-marido, como era o caso) tem uma prima direita chamada Amalasantha degli Duchi di Lucera, casada com o Marchese Venturino di San Fedele, de uma das grandes famílias napolitanas, parecerá, por certo, uma estupidez, e um desperdício, não tirar algum proveito de uma tal junção de nomes e situações, e lembrar unicamente (como faziam os Wyant) que, quando Amalasantha se deslocava a Nova Iorque, era sempre para angariar dinheiro ou para salvar o seu execrando filho de uma nova encrenca ou para consultar os advogados da família sobre uma nova maneira de proteger os escombros da sua fortuna das sistemáticas depredações de Venturino.

Mrs. Manford sabia de antemão que estas diligências, todas elas, estavam sempre votadas ao fracasso — ou melhor, nem todas, pois Amalasantha conseguia sempre convencê-la a emprestar-lhe dinheiro. Dois mil ou três mil dólares, essa era a quantia que costumava emprestar à Marchesa (quantia que logo inscrevia na coluna

de perdas e lucros da sua contabilidade privada, cuidadosamente escriturada); chegava mesmo a dar-lhe os seus vestidos do ano anterior, habilmente reformados; e, em troca, esperava de Amalasantha que espargisse pelas festas dos Manford esse exótico lustre que a parente próxima de um Duque, que era também um grande de Espanha e um importante dignitário da Corte Papal, sempre arrasta consigo, mesmo pelos caminhos mais poeirentos, ainda que a sua mãe tivesse sido uma modesta Mary Wyant, de Albany.

Os objectivos de Mrs. Manford haviam sido plenamente alcançados. A Marchesa, sem qualquer intenção preconcebida, vestia de uma forma natural a pele da personagem que lhe fora atribuída. Na sua incerta e tormentosa vida, Nova Iorque, a cidade onde residiam as suas relações abastadas, e de onde regressava sempre com uns quantos milhares de dólares e vestidos que, com algum jeito, poderiam durar um ano, e bons conselhos sobre a melhor maneira de intimidar Venturino, confundia-se com um paraíso na Terra. «Viver em Nova Iorque? Oh, não, *carina*<sup>1</sup>, não! É demasiado... demasiado monótono. Como o paraíso deve ser... Mas toda a gente é celestialmente generosa... e Venturino já aprendeu que há determinadas coisas que as minhas relações americanas não tolerarão...» Tal era a versão de Amalasantha das suas visitas a Nova Iorque, quando as narrava nas salas de estar de Roma, Nápoles ou St. Moritz; ao passo que, em Nova Iorque, de uma forma perfeitamente natural e espontânea — pois não havia alma mais simples do que a de Amalasantha —, pronunciava nomes e semeava sugestões, o que lançava uma romântica cintilação de irrealidade sobre um mundo limitado por Wall Street a sul e por Long Island na maior parte das outras direcções; e Pauline Manford não descansava enquanto não expunha a esse resplendor todos os seus convidados.

«A prima do meu marido» (convertida, após o divórcio de Wyant, em «a prima do meu filho») continuava a ser, ao fim de vinte e sete anos, uma carta social proveitosa. A Marchesa di San Fedele, agora na casa dos cinquenta, era ainda, no círculo de Pauline, um pretexto para jantares, um meio de acertar certas contas sociais, um pequeno mas constante luminar no incerto firmamento

---

<sup>1</sup> Em italiano no original: «querida». (*N. do T.*)

nova-iorquino. Pauline não podia pôr os olhos naquela figurinha frágil e francamente lastimável, sempre vestida de um negligente preto em que ninguém repararia (mesmo quando envergava os vestidos velhos de Mrs. Manford), sem que a assaltassem visões de escadarias romanas ressoando de passos e murmúrios, de archotes alumando a chegada dos Cardeais às recepções dos Lucera, de um pano de fundo, semelhante a um imenso fresco, guarnecido de Papas, príncipes, palácios em ruínas, mansões no campo rodeadas de ciprestes, escândalos, tragédias e intermináveis contendas em torno de heranças.

«É tudo tão medonho — a maldade, a iniquidade que corrompe as vidas dessas grandes famílias romanas. No fim de contas, a pobre Amalasantha tem nas suas veias o saudável sangue americano, a mãe dela era uma Wyant; sim, Mary Wyant casou-se com o Príncipe Ottaviano di Lago Negro, o filho do Duque de Lucera, na altura um alto funcionário da embaixada italiana em Washington; mas que há-de fazer Amalasantha num país onde o divórcio não existe e uma mulher não tem outra saída senão suportar *tudo* — rigorosamente tudo? O Papa não poderia ter sido mais amável; está inteiramente do lado dela. Mas a gente de Venturino também é muito poderosa — é uma grande família napolitana — sim, o Cardeal Ravello é tio de Venturino... de maneira que, de um modo geral, a vida em Itália tem sido um horror para a pobre Amalasantha... ao passo que o regresso àquele que é verdadeiramente o seu povo é sempre, para ela, um imenso oásis...»

Pauline Manford acreditava sinceramente que a vida em Itália era um horror para Amalasantha. Aliás, Pauline não conseguia conceber nada de mais chocante que uma organização social que não reconhecia o divórcio e que permitia que todo o género de chagas domésticas gangrenassem a seu bel-prazer, em vez de decretar que as vidas das pessoas fossem periodicamente desinfectadas e caídas como as caves da sua casa. Porém, enquanto reflectia sobre tudo isto — de facto, no próprio processo de reflexão — Mrs. Manford lembrou-se de que o Cardeal Ravello, o tio de Venturino, fora mencionado como um dos prováveis delegados ao Congresso Católico Romano que deveria realizar-se em Baltimore nesse Inverno, e perguntou-se se não seria boa ideia organizar, com a ajuda de Amalasantha, uma festa em honra de Sua Eminência; chegou mesmo ao ponto de considerar

o efeito que poderia produzir a presença na escadaria dos Manford — que era de mármore, graças a Deus! — de criados (com meias de seda) empunhando archotes; imaginou até Dexter Manford e Jim a receberem o Príncipe da Igreja no degrau da porta e a subirem às arrecuas até ao primeiro piso, erguendo candelabros de prata; ainda que Pauline não estivesse muito certa de conseguir persuadi-los a submeter-se a tais extremos.

Pauline não sentia neste encadeamento de pensamentos uma maior inconsistência do que no facto de estremecer horrorizada perante os crimes da Igreja de Roma e de, simultaneamente, almejar receber um dos seus dignitários com todo o cerimonial que lhe era devido. Estava habituada a este género de rápidos ajustamentos, e sentia-se orgulhosa pelo facto de categorias inteiras de opiniões contraditórias se acomodarem na sua mente tão pacificamente como as Famílias Felizes<sup>2</sup> exibidas pelos circos ambulantes. E, é claro, se o Cardeal acedesse *realmente* ao seu convite, não deixaria de mostrar a sua independência americana, convidando também o Bispo de Nova Iorque — o seu próprio Bispo, da Igreja Episcopal — e possivelmente o Grande Rabi (também amigo dela) e, seguramente, aquele homem maravilhoso, e tão caluniado, o «Mahatma», em quem continuava a acreditar plenamente...

A palavra «acreditar», contudo, fê-la deter-se inopinadamente. Sim; sem dúvida que acreditava no «Mahatma». Tinha todas as razões para acreditar. De pé diante do alto espelho triplo do toucador, olhou de relance para a ampla casa de banho para lá do espelho — casa de banho que fazia lembrar um laboratório de Biologia, com os mosaicos brancos, os metais polidos, as balanças, os misteriosos apetrechos para duches, ginástica e «cultura física» — e recordou com gratidão que tinham sido seguramente os exercícios eurítmicos prescritos pelo Mahatma («êxtase sagrado», como ele lhes chamava) que lhe haviam adelgado as ancas depois de tudo o mais ter falhado. E esta gratidão pelo adelgamento das ancas situava-se, no ficheiro impecavelmente ordenado da sua mente, exactamente no

---

<sup>2</sup> Colecção de diferentes animais vivendo pacificamente num mesmo recinto ou jaula. Desde o século XIX (e até à década de 1930), os circos americanos incluíram uma tenda à parte — a *menagerie* — que exhibia diversos animais exóticos; alguns recintos ou jaulas eram reservados a animais de naturezas diversas que podiam coexistir juntos. (*N. do T.*)

mesmo plano que os maravilhosos ensinamentos místicos desse mesmo Mahatma sobre Auto-Aniquilação, Existências Anteriores e Afinidades Astrais... tudo tão incompreensível e tão puro... Sim; por certo convidaria o Mahatma. Faria muito bem ao Cardeal ter uma conversa com ele. Quase ouvia já Sua Eminência dizendo, com a voz embargada pela emoção: «Mrs. Manford, quero agradecer-lhe pelo facto de me ter permitido conhecer aquele Homem Maravilhoso. Se não fosse a senhora...»

Ah, adorava as pessoas que lhe diziam: «Se não fosse a senhora...!»

Nesse instante tocou o telefone no toucador. Miss Bruss passara a chamada do quarto. Mrs. Manford, ao pegar no auscultador, lançou um rápido e nervoso olhar para o relógio. Já estava atrasada sete minutos para as suas ondas à Marcel, e...

Ah: era a voz de Dexter! Automaticamente, deu ao rosto um sorriso de esposa e à voz a entoação correspondente. — Sim? Pauline, meu querido. Oh... acerca do jantar desta noite? Ora, mas tu sabes, Amalasantha... Vais ao teatro com Jim e Lita? Mas, Dexter, não podes ir! Eles vêm cá jantar... Jim e Lita. Mas *é claro*... Sim, deve ter sido um engano; Lita é tão... aérea... Eu sei... — o sorriso inicial foi murchando a pouco e pouco; a voz espelhava esse emurhecimento. Então, pacientemente: — Sim; que mais?... Oh!... oh, Dexter... que queres dizer com isso?... O Mahatma? *O quê?!* Não compreendo!

Mas compreendia. Sabia que empalidecera sob os seus discretos cosméticos. Algures em insondáveis regiões de si mesma, pairara oculto, furtivo, um medo nunca expresso: o medo de que as pessoas que se opunham aos ensinamentos do sábio hindu — o grande «revigorador espiritual» de Nova Iorque naqueles dois últimos anos — estivessem a ganhar força e se transformassem numa ameaça. E agora, de facto, eis que Dexter Manford lhe dizia não sei o quê sobre não sei quem que lhe tinha solicitado uma investigação sobre o estado de coisas na «Escola do Pensamento Oriental», dirigida pelo Mahatma — uma investigação que poderia envolver todo o género de episódios desagradáveis. É claro que Dexter, quando falava com ela ao telefone, nunca dizia grande coisa sobre assuntos profissionais; e, no parecer da esposa, também não falava deles o

suficiente quando chegava a casa. Porém, o pouco que agora conseguira respigar chegava e sobrava para a deixar positivamente doente.

— Oh, Dexter, mas eu tenho de falar contigo acerca disso! Imediatamente! Não poderias vir a casa almoçar? De maneira nenhuma? Não... esta noite não teremos a menor oportunidade... Ora porquê... Por causa do jantar de Amalasantha, evidentemente... oh, por favor, não te esqueças *outra vez* do jantar!

Com uma mão no auscultador, pegou na lista de compromissos (um duplicado da de Miss Bruss) e percorreu-a com uns olhos que, de tão nervosos, não viam verdadeiramente nada. Um escândalo — outro escândalo! Não, não podia ser. Odiava escândalos. E, além do mais, acreditava — efectivamente — no Mahatma. Ele tinha «visão». A partir do momento em que, a meio da leitura de um artigo de uma revista, topara com essa palavra, sentira que tinha tudo o que era preciso para o definir...

— Mas, Dexter, eu tenho de falar contigo antes desta noite! Espera! Deixa-me ver os meus compromissos. — Num ápice chegou a «16h00. Visitar A. 16h30. Musical: Torfried Lobb». Não, não poderia desistir de Torfried Lobb: ela era uma das cinquenta ou sessenta senhoras que o tinham «descoberto» no Inverno anterior e sabia que o cantor estava a contar com ela para o seu recital. Bom, nesse caso — por uma vez «A» teria de ser sacrificado.

— Escuta, Dexter; que me dizes se eu estivesse no escritório às quatro? Sim; em ponto. Pode ser? E não faças nada enquanto eu não falar contigo, promete-me!

Desligou com um suspiro de alívio. Procuraria reajustar as coisas a fim de poder visitar «A» no dia seguinte; se bem que reajustar a sua lista no pico da *season* fosse tão extenuante como a mais complexa das actividades.

Na sua momentânea irritação, quase se sentia inclinada a ver o caso como se Arthur fosse culpado por figurar na lista daquele dia, desse modo perturbando todos os seus ajustes e acertos. Pobre Arthur, que fora, desde o princípio, um dos seus fracassos. Tinha um pequeno cemitério de fracassos — muito pequeno — soterrado por uma vegetação exuberante, de tal forma que uma pessoa poderia percorrer toda a sua vida e não se dar conta de que havia nela umas quantas campas. Para a inexperiente Pauline de há trinta anos, que acabara de se despedir das chaminés da fábrica de Exploit, Arthur

Wyant simbolizara o tentador contraste entre uma cidade que só pensava em ganhar dinheiro e uma sociedade empenhada em desfrutá-lo. Uma figura tão brilhante — e tanto brilho para tão pouca substância! Pauline não sabia exactamente o que esperara de Arthur, tanto mais que, por essa altura, o seu ideal de realização viril se baseava unicamente na capacidade de enriquecer mais rapidamente que os vizinhos — algo que Arthur, seguramente, nunca faria. O sogro dele, em Exploit, concluía, num relance, que não valia a pena levá-lo para o negócio dos automóveis, e, em conversa com Pauline, ocorrera-lhe este comentário filosófico: «Será melhor encará-lo como uma peça de joalheria: suponho que nos podemos dar ao luxo de comprá-lo.»

A joalheria, porém, tem pelo menos de ser brilhante; e Arthur, por alguma razão, tinha... esmaecido. A certa altura, Pauline acalentara a esperança de que o marido viesse a desempenhar um papel de relevo na política estadual — com Washington e a sua sedutora sociedade diplomática no horizonte —, mas Arthur declinara uma tal eventualidade com o mesmo desprezo com que recusava aquilo a que chamava «negócios». Em Cedarledge, fez um pouco de gestão agrícola, concentrando-se com especial afã na contabilidade e acabando a malbaratar o dinheiro da esposa — até que ela o substituiu por um administrador com experiência; e, na cidade, passava horas a jogar *bridge* no seu clube, de quando em quando interessava-se por corridas de cavalos e todas as tardes ia visitar a mãe, a velha Mrs. Wyant, à lúgubre casa perto de Stuyvesant Square, que nunca fora redecorada e era ainda iluminada a lâmpadas *Carcel*.

Um obstáculo e uma decepção; aí estava o que ele sempre fora. Não obstante, Pauline teria suportado a sua inadequação, os seus infrutíferos planos, fantasias e passatempos ociosos, até mesmo uma tendência cada vez mais acentuada para beber, visto que as esposas da sua geração eram ensinadas a suportar tais defeitos, se não tivesse descoberto que Arthur era também um homem «imoral». A imoralidade era algo que nenhuma mulher de princípios elevados poderia tolerar; e quando, no regresso de uma cura de repouso na Califórnia, descobriu que Arthur se deixara envolver num furtivo caso amoroso com a prima que vivia com a mãe dele e dependia financeiramente dos dois, todas as leis do amor-próprio que Pauline conhecia decretaram o repúdio do marido. A velha Mrs. Wyant, horrorizada, baniu

a prima e defendeu o filho: nada demoveu Pauline. Dirigiu-se sem demora ao escritório de Dexter Manford, um advogado em plena ascensão, especializado em questões de divórcio, e, nas suas mãos capazes, o caso foi resolvido rapidamente, discretamente, sem escândalos, disputas ou recriminações. Wyant retirou-se para a casa da mãe e Pauline, agora uma mulher livre, partiu em viagem para a Europa.

Nos primeiros tempos do novo século, o divórcio não se tornara ainda, em Nova Iorque, uma instituição social, e o golpe desferido no orgulho de Wyant fora mais profundo do que Pauline alguma vez previra. Vivia em absoluto retiro na casa da mãe, via o filho nas datas prescritas pelo tribunal e afundava-se numa espécie de velhice prematura que contrastava dolorosamente — mesmo para Pauline — com a juventude e a elasticidade que esta recuperara. Um tal contraste fez nascer nela uma pontada de remorso e, gradualmente, após o seu segundo casamento e a morte da velha Mrs. Wyant, acabou por encarar o pobre Arthur não como uma causa de ressentimento, mas sim como uma responsabilidade. Orgulhava-se de nunca negligenciar as suas responsabilidades, e daí que se sentisse irritada — uma irritação não propriamente despropositada — com Arthur, pelo facto de ele figurar na sua lista de compromissos daquele dia e de a ter obrigado — por isso mesmo — a adiar a visita aprazada.

Regressando ao toucador, deteve-se na imagem que o alto espelho triplo devolvia. De novo aquelas rugas finas à volta dos lábios e das pálpebras, aquelas linhas verticais entre os olhos! Não o permitiria; não, nunca. A si própria ordenou: «Vá, Pauline, *acabe já com as preocupações*. Sabe muitíssimo bem que preocupações é algo que não existe; trata-se apenas de dispepsia ou falta de exercício; na realidade, tudo está bem...», no tom insincero de uma mãe confortando um filho que se magoou.

Olhou de novo para o espelho e pareceu-lhe que as rugas se tinham de facto esbatido um tanto, que as linhas verticais estavam menos profundas. Uma vez mais, viu diante de si uma mulher atlética, firme, aprumada, com todo o seu cabelo e todos os seus dentes, e não mais que um nada de *rouge* (porque «toda a gente usava») avivando uma pele ainda viçosa; viu as suas pequenas feições simétricas, as sobrancelhas escuras sublinhadas por um traço ligeiro sobre os

atraentes olhos cinzentos que não receavam olhar bem em frente, a abundante cabeleira embranquecida que reagia ainda de um modo tão vibrante aos ferros de ondulação, os pés bem firmes, com os peitos arqueados erguendo-se ao encontro de uns delicados tornozelos.

Quão absurdo, quão contrário à sua própria natureza, deixar-se perturbar por aquelas ridículas notícias! Iria ter com Dexter e, em cinco minutos, resolveria o caso do Mahatma. Se tinha de haver um escândalo, não permitiria, de modo nenhum, que Dexter se visse envolvido nele — e muito menos contra o Mahatma! Não poderia nunca esquecer que fora o Mahatma quem lhe dissera pela primeira vez que ela tinha poderes parapsíquicos.

A criada abriu uma porta interior apenas um nada, para lhe dizer, num tom de censura: — Minha senhora, o cabeleireiro; e Miss Bruss pediu-me que lhe lembrasse...

— Sim, sim, sim — retorquiu Mrs. Manford numa pressa; repetindo num sussurro, enquanto corria a vestir o quimono e sossegava diante do toucador: «Preste bem atenção: proíbo-lhe que se permita sentir pressa! *Sabe* muito bem que pressa é algo que não existe!»

Nesse mesmo instante, porém, o seu olhar buscou, ansioso, o pequeno relógio entre os frasquinhos de perfume; e Mrs. Manford disse para si mesma que talvez pudesse poupar tempo, ditando a Maisie Bruss enquanto se entregava aos cuidados do cabeleireiro e da manicura. Invejava as mulheres que não tinham o menor sentido da responsabilidade — como a esposa de Jim, a jovem Lita. Quanto a si, o único mundo que conhecia repousava inteiramente sobre os seus ombros.

### III

À uma e um quarto, quando Nona chegou a casa de Jim, disse ram-lhe que Mrs. Wyant ainda não tinha descido.

— E Mr. Wyant? Ainda não subiu, pois não? Quer dizer, ainda não voltou do escritório, não é verdade? — acrescentou ela, pois a expressão do jovem mordomo reflectia inteiramente a surpresa que sentira.

Pauline Manford fora particularmente generosa aquando do casamento do filho. Sentia-se aliviada pelo facto de ele ter decidido assentar e também porque Jim parecia compreender que o casamento implicava a escolha de uma profissão e a adopção daquilo a que as pessoas chamavam hábitos regulares. Não que as irregularidades de Jim tivessem alguma vez tido o carácter menos próprio que o termo habitualmente sugere. De facto, no caso de Jim, irregularidade designava, principalmente, uma incapacidade de decisão quanto ao que havia de fazer com a sua vida (tão parecido com o seu pobre pai, nesse particular!), ou o facto de nunca saber que horas eram ou que compromissos a mãe lhe atribuía, ou o facto de ter querido um laboratório de Química em Cedarledge, e depois, quando o laboratório já estava instalado, tê-lo usado primeiro como um canil para a criação de *fox-terriers* e, posteriormente, como o mais tranquilo dos locais para praticar violino.

Nona sabia quão severamente estas vacilações haviam afligido a mãe e quão apaziguada Mrs. Manford se sentira quando o jovem, no ardor da sua paixão por Lita, jurara que, se ela o aceitasse como

marido, começaria imediatamente a trabalhar, submetendo-se, com todo o empenho, à azáfama de um escritório, como faziam todos os maridos.

*Se ela o aceitasse como marido!* Lita Cliffe, uma órfã sem dote, sem ninguém que a guiasse no mundo — a não ser uma tia estouvada e de reputação algo duvidosa, a «impossível» Mrs. Percy Landish! Mrs. Manford sorriu da despreensão do filho, ao mesmo tempo que aplaudia as suas boas resoluções. «Esta experiência fez de Jim um homem», dizia ela, medianamente triunfante na mais recente confirmação do seu optimismo. «Se ao menos durasse...!», acrescentava, permitindo-se reincidir na humana incerteza.

«Oh, claro que vai durar, mãe; vai ver; desde que Lita não se canse dele», asseverara-lhe Nona.

«Desde que...? Mas, minha querida, porque haveria Lita de cansar-se do teu irmão? Pareces esquecer que, para uma rapariga como Lita, sem ninguém que cuidasse dela, a não ser a pobre Kitty Landish, foi um verdadeiro milagre ter arranjado um marido tão extraordinário!»

Nona mantivera-se firme. «Bom, basta-lhe olhar à sua volta, mãe! Não é verdade que quase todos se cansam uns dos outros? E quando se cansam, haverá alguma coisa capaz de os impedir de tentarem uma nova experiência? Pense nos seus jantares! Maisie não tem de fazer sempre uma lista dos casamentos que acabaram, tão longa como um problema de palavras cruzadas, para que a mãe não trate as pessoas pelos nomes errados?»

Mrs. Manford preferira evitar o confronto. «Jim e Lita não são pessoas desse género; e não gosto da maneira como falas de divórcio, Nona», acrescentara, numa réplica que, para ela, era fraca defesa — visto que, como Nona poderia ter-lhe lembrado, o modo como a mãe falava de divórcio variava desconcertantemente, conforme o tempo, o local e o divórcio.

A jovem teve tempo de sobra para recordar esta discussão enquanto esperava pelo irmão e pela cunhada. Naquela casa, recentemente decorada e estudadamente vazia, parecia não haver ninguém para a receber. O bebé (por quem perguntara primeiro) estava a dormir, a mãe do bebé estaria meia-estremunhada, e o chefe de família estava ainda «no escritório». Nona pôs-se a apreciar a sala e deixou-se

levar pelos seus devaneios — algo que se estava a tornar cada vez mais frequente nela.

Aquela sala de estar (ocorreu-lhe de súbito) dizia muitíssimo sobre o estado do casamento moderno. Apesar de todos os seus efeitos cuidadosamente planeados, de uma nervosa atenção a «valores», cores complementares, e todas essas coisas que são, para o decorador moderno, a causa de muitas noites em claro, aquela sala de estar assemelhava-se mais a uma sala de espera requintada de uma estação de caminhos de ferro do que ao cenário adequado a um modo de vida convencional. Não havia nada que parecesse estar ali de uma forma natural, à vontade, tão à vontade como em sua própria casa, por assim dizer — desde o antigo caquemono de um sábio de longas barbas até às paredes de seda de um tom camurça-claro, passando pelos três lírios-tristes isolados num vaso *Sung* branco, no deserto de uma mesa que, de outro modo, estaria vazia. Se alguma vida havia na sala, isso devia-se unicamente aos exóticos peixinhos dourados que deambulavam num enorme aquário esférico; e também eles mais não eram do que presenças efémeras, pois Lita insistia em ter o aquário iluminado noite e dia com lâmpadas eléctricas, e os peixinhos, desse modo privados do sono, estavam constantemente a morrer e a ser substituídos.

Mrs. Manford pagara a casa e a decoração. Não era o que teria desejado para si — a mãe de Jim não se conciliara ainda inteiramente com as novas tendências decorativas e a nudez e selectividade que defendiam; mas também era verdade que Mrs. Manford não teria desejado que o jovem casal vivesse no opulento cenário de mobiliário «de época» e tapeçarias, que era o seu preferido. Acima de tudo, queria que eles se mantivessem a par com o seu tempo; que fizessem tudo o que os outros jovens casais faziam; havia até digerido — num enorme e aterrado gole — o quarto negro de Lita, com o seu tumulto de almofadas de veludo ébano, sobre as quais se erguia uma estátua, cuja indecência Mrs. Manford só foi capaz de minimizar afirmando que, segundo ouvira dizer, se tratava de uma peça cubista. Considerava, contudo, uma crueldade — depois de tudo o que fizera — que Nona sugerisse que Lita podia cansar-se de Jim!

Uma tal ideia, de facto, nunca perturbara Nona — pelo menos até há pouco tempo. Mesmo agora, não havia na sua mente nada de definido, de concreto. Nada, de facto, a não ser uma questão vaga:

que poderia fazer uma mulher como Lita, se, de súbito, se cansasse da vida que levava? Porém, esta questão perseguia-a de um modo tão insistente que, naquela manhã, Nona desejara realmente consultar a mãe; com efeito, quem poderia ela consultar a não ser a mãe? Arthur Wyant? Ora, o pobre Arthur nunca fora capaz de tratar dos seus próprios e pobres problemas com o menor senso comum ou consistência; e, perante a sugestão de que alguém pudesse cansar-se de Jim, mostrar-se-ia tão indignado como Mrs. Manford, e sem a capacidade que esta possuía de controlar as suas emoções.

Dexter Manford? Bom — a filha de Dexter Manford tinha de admitir que o pai nada tinha a ver com o facto de o casamento do enteado ameaçar transformar-se num fracasso; além do que Nona sabia que o pai andava sempre assoberbado por trabalho e hesitava em sobrecarregá-lo com mais aquele fardo. Porque seria realmente um fardo. Manford gostava muito de Jim (como todos obviamente gostavam) e fora de uma extrema generosidade para com ele. Era inteiramente devido à influência de Manford que Jim, considerado uma pessoa sem o menor senso prático e em quem não se podia confiar, conseguira uma situação tão boa na *Amalgamated Trust Co.*; e Manford ficara extremamente satisfeito com a forma como o jovem se entregara ao trabalho. Uma atitude típica de Jim, pensou Nona com ternura — quando alguém conseguia realmente levá-lo a fazer alguma coisa, Jim fazia-a sempre com um esmero e uma persistência maravilhosos. E o incentivo de trabalhar para Lita e o filho bastava para o prender àquele emprego para toda a vida.

Uma nova fragrância — irreconhecível mas requintada. Na sua esteira vinha Lita Wyant, meio a dançar, meio a flutuar, fechando um colar, trauteando uma música, a cabeça pequena e redonda — com o cabelo da cor dos peixinhos dourados, a pele tão brilhante como madrepérola e os olhos castanhos ainda meios-fechados — rodopiando sobre o seu longo pescoço como se fora a cabecita de um pássaro. Estava deveras surpreendida — mas encantada — por ver Nona, indiferente ao facto de o marido ainda não ter chegado, e na mais absoluta ignorância de que o almoço esperava por ela havia meia hora.

— Comi uma sanduíche e tomei um *cocktail* depois dos exercícios. Parece-me que ainda é demasiado cedo para estar com fome

outra vez — conjecturou. — Mas talvez tu tenhas fome, minha pequenina. Há muito que estavas à espera?

— Oh, nem por isso! Conheço-te demasiado bem para ser pontual — riu-se Nona.

Lita abriu bem os olhos. — Estás a sugerir que não sou pontual? Bom, então que me dizes do teu irmão, esse modelo de virtudes?

— O meu irmão está num escritório do centro, a trabalhar, para que tu e o teu filho tenham um tecto.

Lita encolheu os ombros. — Oh, um tecto, não dou lá muita importância a tectos, e tu? Bom, pelo menos a este não dou. — Agarrou em Nona pelos ombros, manteve-a à distância de um braço, e, com a cabeça inclinada e uns olhos persuasivamente contraídos, perguntou-lhe: — Esta sala é um verdadeiro *horror*, não é? Vá lá, tens de reconhecer que é...! E Jim não me quer dar o dinheiro para a redecorar.

— Redecorar? Mas, Lita, tu decoraste-a exactamente como querias, há dois anos.

— Há dois anos? Queres dizer que continuas a gostar de tudo aquilo de que gostavas há dois anos?

— Sim, ah, tu...! — retorquiu Nona, acrescentando num jeito bastante desamparado: — E, além do mais, toda a gente admira tanto a tua sala. — E deteve-se, sentindo que estava a falar exactamente como a mãe.

As mãos pequenas de Lita desmaiaram de súbito, num gesto de desespero. — É esse o drama! *Toda-a-Gente* a admira. Até Mrs. Manford. E quando pensamos no género de coisas que *Toda-a-Gente* admira! Para quê fingir, Nona? Isto que aqui vês é a banalidade em forma de sala de estar, um cliché, um puro cliché! Todos os casais que se casaram no mesmo ano que nós têm uma sala assim. Quando viu pela primeira vez esta sala, Tommy Ardwin, sabes quem é, não sabes?, o novo decorador, teve este comentário: «Deus do céu, tudo isto me parece tão familiar...!», e desatou a assobiar o *Home, Sweet Home!*

— Pois não admira, minha patetinha! O que Tommy Ardwin quer é que o contrates para redecorar a sala...!

Lita soltou um suspiro. — Ah, se ao menos ele pudesse...! Quem sabe, talvez ele conseguisse reconciliar-me com esta casa. Mas não creio que haja alguém capaz de fazer isso. — Olhou à sua volta

com um ar de inefável repulsa. — Apetecia-me deitar fora tudo o que aqui está. Tenho sentido um tédio tão grande nesta casa...

Nona riu-se. — Tu sentirias esse mesmo tédio em qualquer sítio. Adorava que um outro Tommy Ardwin fosse ter contigo e te dissesse que o tédio mais não é do que um velho cliché!

— Um velho cliché? E porque não haveria de ser? Quando a própria vida é um tédio tão grande? Não se pode redecorar a vida!

— Se pudesses redecorar a vida, que deitarias fora em primeiro lugar? O bebé?

Os olhos de Lita despertaram para fuzilar. — Não sejas idiota! Sabes que adoro o meu filho.

— Bom, então... seria Jim?

— Tu sabes que eu adoro o meu Jim! — atroou a jovem esposa, parodiando a sua própria emoção.

— Olá, parece-me de mau agouro, o que acabo de ouvir! — Jim Wyant entrou nesse mesmo instante, desanuviando a atmosfera com a sua presença fresca e bem-humorada. — Receio a minha mulher quando ela diz que me adora — disse, envolvendo Nona num abraço fraterno.

Enquanto ele a abraçava, vigoroso, um nada sobre o baixo, com os cabelos de um tom louro fulvo e uns olhos azuis muito vivos e o rosto pequeno com um nariz um tanto rombo, um rosto no qual tudo fora tão sedutoramente modelado, embora de uma maneira tão segura e sóbria, Nona mergulhou uma vez mais nos seus perigosos devaneios. Algo desaparecera daquele rosto — todas aquelas coisas extravagantes e incertas, o violino, a construção de miniaturas de casas ou jardins, a invenção, o sonho, a hesitação —, enfim, tudo o que mais amara nele, excepção feita àquela cintilação nos seus olhos agora mais sérios. Tudo o que restava era apenas a mera utilidade. Bom, tanto melhor, sem dúvida — quando se pensava em Lita...! Olhando de relance, Nona viu o rosto da cunhada num espelho entre dois painéis, e o reflexo do seu próprio rosto mesmo ao lado; retraiu-se um pouco perante o contraste. No seu melhor, Nona não tinha nem um pouco daquela translucidez leitosa ou daquelas longas linhas que faziam com que Lita parecesse uma criatura em perpétuo movimento, como um tremor de ar vive em certas árvores. Ainda que fosse tão alta como Lita e quase tão magra, o certo é que os olhos de Nona viam o seu corpo como se ele fosse uma construção sólida,

ao passo que Lita era tecida de espuma do mar e de luz do sol. Talvez fosse o facto de Nona ser morena — tinha o cabelo castanho encaracolado de Dexter Manford, as mesmas sobrancelhas espessas e negras emoldurando uns olhos cinzentos bastante comuns; e a textura da sua pele saudável e escura, se comparada com a da pele de Lita, parecia áspera e opaca. A comparação contribuiu ainda mais para a difusa sensação de desalento que experimentava nesse momento. «Não», pensou, «no que toca a beleza, não estou nos meus melhores dias».

Dera já o braço a Jim, ou melhor, Jim pegara-lhe no braço e envolvera-o no seu. — Vem comigo, maninha. Há alguma coisa para almoçar? — inquiriu, virando-se para a sala de jantar.

— Oh, provavelmente. Nesta casa, acontecem sempre as mesmas coisas todos os dias — afirmou Lita com um ligeiro trejeito.

— Bom, ainda bem que o almoço é uma dessas coisas, nos dias em que posso dar uma corrida até casa para almoçar.

— Nos outros dias, Lita come a comida dos peixinhos dourados — riu-se Nona.

— Minha senhora, o almoço está servido — anunciou o mordomo.

Como costumava acontecer em casa de Lita, a refeição revelou-se uma sucessão de iguarias e demoras. Mrs. Manford teria ficado absolutamente fora de si por via das incertezas do serviço e da incoerência do menu; ao mesmo tempo, porém, teria admitido que ninguém fazia um melhor pilau do que o cozinheiro de Lita. Servir requintes gastronómicos a Jim era um puro desperdício; aliás, a indiferença do jovem perante a reserva de *Madeiras* dos Wyant constituía uma das mais severas provações do pai. («Não teria ficado surpreendido com a *tua* indiferença, Nona; no fim de contas, tu és uma Manford; mas que um Wyant não mostre o menor respeito por um vinho velho, francamente!») Quanto a Lita, ou debicava languidamente novos e saudáveis alimentos, ou atacava vorazmente o mais indigesto dos pratos que lhe punham na mesa. Hoje, recostava-se na sua cadeira, silenciosa e indiferente, ao passo que Jim devorava o que lhe punham à frente, como se não tivesse a menor noção de que aquilo era tudo menos carne de conserva; e Nona observava os dois com alguma circunspecção.

Ouviu-se o telefone e, segundos depois, o mordomo anunciou:  
— Mr. Manford, minha senhora.

Nona Manford ergueu os olhos. — É para mim?

— Não, menina; é para Mrs. Wyant.

Lita estava já de pé, de súbito animada. — Ah, está bem... Não esperem por mim — atirou ela por cima do ombro, a caminho da porta.

— Diz para te trazerem o auscultador para aqui — sugeriu Jim; mas Lita prosseguiu rapidamente, sem lhe prestar a menor atenção.

— Ora aqui está algo de novo: Lita a correr para o telefone! — riu-se Jim.

— E para falar com o meu pai! — disse Nona e logo se calou; a jovem nunca teria conseguido explicar, ser-lhe-ia humanamente impossível, por que razão se contivera com uma vaga sensação de constrangimento. Dexter Manford sempre fora muito amável com a esposa do enteado; mas também era verdade que toda a gente era amável com Lita.

A cabeça de Jim estava curvada sobre o pilau; tragava o que tinha no prato em rápidas e desatentas garfadas.

— Bom, espero que o teu pai lhe diga qualquer coisa que a divirta: nos últimos tempos, parece que não há nada no mundo capaz de diverti-la.

Nona tinha uma resposta na ponta da língua: «Há, sim, há uma coisa que a diverte: é dizer que nada a diverte.» Mas olhou para o rosto do irmão, ligeiramente perturbado sob a serenidade exterior, e conteve-se.

Em vez disso, comentou a beleza dos dois arões amarelos que se erguiam numa jarra de bronze, reflectidos pelo mogno da mesa de jantar. — Lita tem um génio para flores.

— E para tudo o mais, quando é ela a escolher!

A porta abriu-se; Lita regressou num passo lento à mesa e deixou que o seu corpo se afundasse na cadeira. Abanou desdenhosamente a cabeça perante o pilau que lhe ofereciam. Houve uma pausa.

— Bom, quais são as novidades? — perguntou Jim.

A esposa ergueu as delicadas sobrancelhas. — Novidades? Esperava que fosses tu a dar-mas. Eu acabo de acordar.

— Quer dizer... — Mas Jim deteve-se e fez sinal ao mordomo para levar o seu prato.

Houve outra pausa; depois, a cabecinha de Lita virou o seu longo e interrogativo pescoço para Nona. — Parece que temos um banquete esta noite no *Palazzo*<sup>1</sup> Manford. Sabias?

— Se sabia? Claro que sabia, Lita, durante semanas não ouvi falar de outra coisa. É a festa anual em honra da Marchesa.

— A mim não me disseram nada — disse Lita num tom calmo. — E quer-me parecer que tenho um compromisso.

Jim ergueu a cabeça num repente. — Há quinze dias que te disseram que havia a festa.

— Oh, quinze dias! É demasiado tempo para uma pessoa se lembrar seja do que for... É como Nona dizer-me que eu devia admirar a minha sala de estar só porque, há dois anos, a admirava.

O marido enrubesceu até às raízes do cabelo louro-avermelhado. — E não a admiras? — perguntou, com uma espécie de desalento juvenil.

— Ora aí está; Lita agora é que vai ficar toda contente, conseguiu o que queria! — disse Nona, rindo-se algo nervosamente.

Lita riu-se também. — Não é tal e qual a mãe, o meu marido? — disse ela, encolhendo os ombros.

Jim ficou calado, e a irmã calculou que ele receasse insistir na questão do jantar, já que as suas observações poderiam fortalecer a determinação de Lita em ignorar tal compromisso. O mesmo motivo levou Nona a não se pronunciar mais sobre o assunto; e o almoço terminou com uma animada conversa sobre outros temas. Porém, o que realmente deixou Nona intrigada foi o mais que provável conteúdo do telefonema do pai — sem dúvida que o pai lembrara a Lita que, nessa noite, jantaria em casa dele. Não era normal Dexter Manford lembrar-se de tais eventos (como o frenético telefonema de Miss Bruss confirmara); e era ainda menos normal que telefonasse aos convidados da esposa, a lembrar-lhes os convites; mesmo partindo do princípio de que ele sabia quem eram esses convidados — e raramente sabia. Sobre tudo isto Nona ponderou; e concluiu: «Provavelmente, têm ido a algum lado juntos — o pai disse-me que tinha um compromisso esta noite — e Lita está irritada porque hoje não podem ir. Bom, mas também é verdade que hoje

---

<sup>1</sup> Em italiano no original: «palácio». (N. do T.)

não há nada que não a deixe irritada.» Recorrendo a esta explicação — a susceptibilidade de Lita —, tentou Nona aplacar todas as suas perplexidades. Perguntou-se, porém, se um tal raciocínio teria o mesmo efeito em Jim.